

UM OLHAR BIOCÊNTRICO EXTENDIDO AO MUNDO NATURAL

José Antônio Kroeff Schmitz

RESUMO Este artigo busca discutir o princípio biocêntrico, diferenciando-o do paradigma em vigor, aqui denominado princípio egolucrocêntrico. A partir desta compreensão, é apresentada a proposta de que as linhas de vivência, presentes no modelo teórico de Biodança, não sejam vistas apenas como potenciais dos seres humanos e relativos a suas relações inter-pessoais, mas que advenham de potenciais de vida presentes em todas as expressões e formas em que a vida se apresenta no universo. Considerando este novo ponto de vista, sugere-se a necessidade da idealização de sistemas vivenciais e educacionais que visem também à integração de nossas relações com a natureza de acordo com seus potenciais de vida.

Palavras-chave: natureza, princípio biocêntrico, princípio egolucrocêntrico, potenciais de vida, vitalidade, sexualidade, criatividade, afetividade, transcendência.

A BIOCENTRIC VIEW UPON THE NATURAL WORLD

ABSTRACT This article aims at discussing the biocentric principle by contrasting it to the current paradigm, which is here called ego-profitcentric. Based on this understanding, we present the proposal that the vivencial experiences, present in the theoretical models of Biodanza are not only seen as possible to human beings and their

interpersonal relations, but also as life potentials present in all life expressions and forms. Considering this new point of view, we argue for the need of devising vivential and educational systems which foster the integration of our relations with nature, according to its life potentials.

Key words: nature, biocentric principle, ego-profitcentric principle, life potentials, vitality, sexuality, creativity, affectivity, transcendence.

Introdução

As diversas formas de interação da humanidade com a natureza têm acompanhado suas formas de pensar e de entender a realidade. No entanto, o fato de que estas formas se alteram com o passar do tempo e com a mudança das culturas passa despercebido, e tendemos a acreditar que o único jeito de interagir com a natureza é o atual, aquele que vemos acontecer, de forma predominante, ao nosso redor. Este jeito é tão generalizado e dominante que pouco se sabe sobre os outros jeitos possíveis. No entanto, ele é insustentável, isto é, não pode ser mantido por mais 50 anos, já que não poderá alimentar e manter saudavelmente nossos descendentes. Isto porque ele tende a esgotar os recursos planetários e a alterar, talvez irreversivelmente, seus sistemas de auto-regulação.

Diante disto, é necessário apresentar um novo paradigma que contradiga o atual, e que permita a reintegração da humanidade ao convívio harmônico com os demais seres vivos e com o ambiente planetário. Da mesma forma, precisamos identificar quais são os potenciais de vida que balizem esta busca, permitindo esta reintegração. Visando contribuir neste sentido, serão considerados alguns conceitos propostos pelo modelo teórico de Biodança, considerando-os como potenciais inerentes a todos os sistemas vivos e à vida como um todo no universo.

A Vida Tem Razão

O jeito atual e predominante de interagir com o ambiente natural nos faz acreditar que a natureza e a vida não têm razão. Quem tem “a Razão” é a Ciência carteziana. Portanto, ela deve estabelecer as regras, dominando e controlando o ambiente ao máximo, de forma a permitir a obtenção de todos os seus frutos. A partir desta crença, passamos a tratar o ambiente como se ele estivesse sempre errado e precisasse ser modificado para poder servir aos propósitos humanos. Esta é a lógica do jeito “certo”, que foi se estabelecendo a partir do Patriarcado e que se definiu com todas as letras em Descartes, Newton e Comte. Um temor irracional à natureza subjaz a este jeito dominante.

Mas, afinal, que outros jeitos são possíveis? São muitos e são movidos por outros conhecimentos e formas de compreender a natureza, que incluem o inesperado, o imprevisível, ou seja, incluem a vida. Dizem que a vida está certa, que **ela** tem razão. Neste sentido, não é por acaso o fato de serem femininas as palavras “terra”, “natureza”, “vida”. O gênero feminino, de modo geral, tem sido inferiorizado e explorado ao longo do tempo em que tem predominado este jeito “certo”, tendo sido associado à magia, à sedução, à emoção, ao incompreensível, ao assustador e, por fim, ao mal. A algo que não é lógico, que não se encaixa na equação da reta, nem nos modelos físico-matemáticos de Newton para descrever o universo, não fazendo, portanto, parte de Deus, do bem. Desta forma, todos os conhecimentos antigos, da sabedoria popular, indígena e camponesa, provindos da intuição e da experimentação direta, e movidos por sentimentos de vínculo e respeito com a natureza, passaram a ser desprezados e considerados não-científicos.

O Princípio Biocêntrico

Para que se tenha uma compreensão mais aprofundada sobre as possibilidades oferecidas por estas outras formas de compreender e interagir com a natureza, é importante explicar o paradigma que subjaz a elas. Para tanto, será proposto o Princípio Biocêntrico como regente da estrutura operatória de toda esta nova episteme.

Para falarmos do princípio Biocêntrico, precisamos citar Rolando Toro, criador da Biodança e primeiro pensador a explicitar este conceito. Segundo Toro (1991), o Princípio Biocêntrico propõe que tudo o que existe no universo, de partículas sub-atômicas a galáxias, incluindo Gaia (o planeta vivo “Terra”) e seus habitantes, é parte componente de um grande sistema vivente. Segundo este princípio, o universo existe, porque existe a vida, e não o contrário. As relações de transformação matéria-energia são graus de integração de vida. Portanto, este princípio tem como ponto de partida a vivência de um universo organizado em função da vida e que é, ele mesmo, um portentoso sistema vivente. Neste sentido, Toro propõe que a vida não surgiu como uma consequência de processos atômicos e químicos, mas é a estrutura-guia para a construção do universo. A evolução do universo, segundo este ponto de vista, seria, na realidade, a evolução da vida. Neste sentido, a entropia, como deslocamento dos níveis energéticos até o estado térmico consistiria em uma função catabólica, que está presente em qualquer sistema vivente.

Outros autores da modernidade parecem aceitar ou corroborar as idéias de Toro. Um deles é Christian De Duve (1997), que igualmente afirma que a vida é um “imperativo cósmico”. Segundo ele:

“O universo não é o cosmo inerte dos físicos, com uma pitada a mais de vida por precaução. O universo *é* vida com a necessária estrutura à sua volta; consiste principalmente em trilhões de biosferas geradas e sustentadas pelo restante do universo (p. 383).”

Da mesma forma, Capra (1996) afirma que: “é filosófica e empiricamente mais satisfatório supor que o cosmos como um todo é vivo, em vez de pensar que a vida na Terra existe dentro de um universo sem vida.”

Desta forma, o Princípio Biocêntrico busca integrar os diversos conhecimentos produzidos até hoje, porém difere do paradigma atual, pois centra-se na vida, ou seja, diz que é ela o motivo da existência do universo e não o inverso. E que, portanto, ela tem suas próprias regras, seus motivos e sua razão! E que a razão humana é só mais uma manifestação de suas muitas possibilidades.

Esta nova forma de olhar para nossas possibilidades de interação com o ambiente é muito nova e muito velha ao mesmo tempo. É nova, porque questiona e propõe mudanças em toda a forma atual e dominante de atuar em/com/sobre o ambiente. E é velha, porque já foi praticada por muito tempo, por povos que sabiam respeitar e conviver com a natureza.

No entanto, isto não significa que esta nova forma seja a proposição de um retorno ao tempo das cavernas, ou que rejeite todo o acúmulo de conhecimento realizado pelo paradigma ainda em uso, que também pode ser chamado de paradigma “egocêntrico” ou “lucrocêntrico”, ou ainda, como propomos neste texto, a união destes dois em um único, denominado “Princípio ego-lucrocêntrico”. Mas é fato que grande parte das formas de sentir (se é que há formas de sentir dentro deste paradigma), de pensar e de agir sobre o ambiente são e terão de ser radicalmente (a partir da raiz) modificadas, para que o novo paradigma possa superá-lo.

Princípio Ego-lucrocêntrico X Princípio Biocêntrico

Mas, por estarmos tão inseridos em nosso cotidiano no paradigma imposto pelo que passamos a denominar de “Princípio Ego-lucrocêntrico”, nem sempre ficam claras as diferenças existentes entre este e o Princípio Biocêntrico. Assim, para melhor compreen-

dermos as diferenças entre uma abordagem e outra, construímos um quadro comparativo entre as duas, que é apresentado a seguir:

Tabela 01. Diferenciação entre os princípios Ego-lucrocêntrico e Biocêntrico.

Características	Princípio Ego-lucrocêntrico	Princípio Biocêntrico
Ambiente	O ambiente é visto como um fator adverso a ser modificado e controlado e, se possível, evitado.	O ambiente é o modelo, o mestre que ensina e corrige.
Relações ecológicas predominantes	Competição	Todos os tipos de relações são considerados e aceitos, porém reconhece a existência de uma sucessão natural das relações cooperativas e mutualistas sobre as de competição.
Dimensão temporal	A dimensão temporal só é considerada em termos do período de produção de determinado produto, devendo ser reduzida ao máximo possível. Predominam a pressa e a ansiedade pela obtenção do produto e do lucro.	Noção de progressividade, de que tudo tende a evoluir com o tempo, tendendo para uma maior riqueza de formas e de relações. Predominam a aceitação e a sabedoria adquiridas com a vivência, que é atemporal, ou seja, ocorre sempre no presente.
Modelo de ciência	Linear, carteziano, darwinista (o mais forte é o mais apto).	Complexo, sistêmico, integrativo entre lógica e intuição.
Visão do ser humano	Ser humano é um ser competitivo. Homem branco ocidental capitalizado é superior.	Ser humano faz parte do ambiente. Não há hierarquias étnicas, geográficas, culturais, de sexo, religião ou de saberes.
Uso dos recursos do planeta	Apenas a sustentabilidade do lucro é considerada.	Considera a sustentabilidade do ambiente e da saúde humana no uso dos recursos. Uso de energia limpa e recursos renováveis.
Objetivos principais	Afirmação do ego, lucro.	Saúde, felicidade, harmonia e sustentabilidade (mais vida).

Ética	Ética do capital (?). Quem tem mais capital, tem mais direitos.	Ética que se estabelece pela vivência em grupo e pela vinculação com os outros seres e o ambiente.
Verdade	A verdade é "científica" e só pode ser produzida por pessoas autorizadas pelo sistema e que seguem o método "correto".	A verdade é uma construção humana, com dimensões culturais e epistêmicas e que pode evoluir de acordo com os conhecimentos e a sabedoria dos povos.
Propriedade da terra	Propriedade privada dos recursos naturais.	Todos os seres vivos têm direitos iguais de sobreviver como espécie sobre a superfície do planeta. O conceito de propriedade é substituído pela noção de território.
Doenças	Fontes de lucro, resultantes de problemas da presença de "invasores perigosos" do ambiente ou de mau funcionamento do "mecanismo" do corpo.	Indicam fragilidade, insalubridade ou insatisfação do organismo em relação ao ambiente. Podem ter origem nas formas como toda a sociedade, em que o organismo está inserido, relaciona-se com o ambiente e com a vida (doenças da civilização).
Morte	Inadmissível para o ego e o que o cerca, geradora de profundo medo e negação. Medo gerado também é fonte de lucros.	Processo natural dos organismos vivos. Necessidade de reciclagem e intuição da existência de um processo evolutivo.

Como pode ser observado, a mudança de um jeito para outro não implica apenas em uma mudança de técnicas de atuação sobre o ambiente natural, mas de toda uma visão de como ser, estar e relacionar-se com o mundo, seja individual ou coletivamente.

Cinco Linhas de Vivência: um Privilégio Humano?

A teoria desenvolvida por Rolando Toro (1991) traz uma série de novas possibilidades de entendimento, as quais não devem restringir-se às relações inter-pessoais, principalmente porque a base deste novo paradigma é o Princípio Biocêntrico, que "centra sua

atenção no impulso de Vida como força organizadora que vai do átomo à consciência” (TORO, 1995).

O modelo teórico da Biodança apresenta como pontos fundamentais as chamadas cinco linhas de vivência: Vitalidade, Sexualidade, Criatividade, Afetividade e Transcendência. Estas reflexões vêm propor a possibilidade de estas linhas de vivência, propostas por Rolando Toro para o modelo teórico da Biodança, serem decorrentes de potenciais de vida que perpassam todo o mundo natural e que poderiam servir para balizar todas as nossas relações com o ambiente, seja na forma como produzimos nosso alimento, ou como convivemos com a comunidade ambiental da qual fazemos parte, ou ainda, como utilizamos os recursos disponíveis, porém limitados, existentes no planeta.

Mas, para chegar a isto, penso ser necessário fazer uma reflexão anterior. Ela surge de uma hipótese de que as linhas de vivência não são um privilégio unicamente humano, mas sim que perpassam e caracterizam a Vida em todas as suas formas de expressão. Neste sentido, vejo como necessário analisarmos a possibilidade de que nossa forma de expressar a vitalidade, a sexualidade, a criatividade, a afetividade e a transcendência nada mais seja do que isto: a nossa forma! Mas que estas linhas mestras estariam presentes nas mais diversas formas de expressão e possibilidades em cada uma das manifestações da vida e ao longo de toda a evolução da mesma em nosso planeta e, por conseguinte, no universo.

Buscando demonstrar esta possibilidade, serão apresentados a seguir alguns argumentos e idéias que buscam permitir a visualização da existência destes mesmos cinco potenciais de vida como princípios organizadores de todos os seres vivos e do próprio cosmos.

Vitalidade

Se formos pensar no potencial da Vitalidade, não há grande dificuldade em aceitar tal proposição, uma vez que onde há Vida, há

busca por sua continuidade e, portanto, por vitalidade. Em termos gerais, Toro (1991) caracteriza a linha de vivência da Vitalidade pela “existência de um bom nível de saúde e harmonia orgânica”. E, sob um ponto de vista existencial, “vitalidade” significa “ter fortes motivações para viver e possuir energia disponível para a ação (“ímpeto vital”)”. Neste sentido, sentimentos de alegria interior, entusiasmo, plenitude existencial, seriam características de uma pessoa vital. A existência maior ou menor de vitalidade em determinado indivíduo teria vinculação com seu estado de humor endógeno (estados de ânimo, eufórico ou depressivo). Além disto, segundo o mesmo autor:

“...o amor à natureza, os jogos e o vínculo com os próprios instintos são características do “homem ecológico”, homem integrado a si mesmo, às pessoas e ao universo. A qualidade da vida não provém do êxito social ou econômico, mas dos vínculos profundos de conexão à vida.”

Como se vê, Toro observa a Vitalidade segundo o ponto de vista de sua manifestação no ser humano, ainda que dê grandes indícios da observação de suas manifestações em outras formas de vida.

Parece-nos natural pensar que o restante da vida no planeta apresente e expresse constantemente este ímpeto vital, esta plenitude existencial, este vínculo com os próprios instintos. E, se formos pensar na natureza selvagem (ou o que deixamos que reste dela), realmente assim o é. Cada ser vivo apresenta esta capacidade intrínseca de buscar, com toda a intensidade necessária, a forma mais adequada de expressar seus potenciais genéticos. Ou seja, a natureza é naturalmente vital (isto, obviamente, é bastante redundante)!

Mas, pelo fato de sermos cada vez mais seres urbanizados, perdemos a noção de onde provem aquele quilo de açúcar, aquele pedaço de carne ou aquela caixa de leite que pegamos com frequência na prateleira do supermercado. A natureza é para nós, cada vez mais, uma visão eletrônica apresentada em documentários de TV. Com isto, estamos perdendo o costume de olhar para aquela parte da natureza que já foi por nós domesticada, e que, portanto, passou a ser de nossa responsabilidade, já que a tornamos cativa.

É importante dizer que este cativo não significava, para boa parte destas espécies, um prejuízo para sua vitalidade, mas sim uma possibilidade de co-evolução entre espécies, a qual traz benefícios para todos os partícipes. Neste sentido, não houve prejuízos à vitalidade de uma vaca de leite pelo fato de ela tornar-se mais mansa e mais dadivosa na produção de seu fluido vital materno. Mesmo porque, esta modificação da expressão de seus potenciais ocorreu graças à dedicação e à proteção carinhosa de sucessivas gerações de seus criadores humanos. Este vínculo intrínseco entre “cativadores” e “cativos” pode ser estendido para todas as demais espécies domesticadas, sejam elas animais, vegetais, fungos ou mesmo bactérias.

No entanto, atualmente, vivemos os tempos do *agribusiness*, ou seja, do paradigma ego-lucrocêntrico, no qual o que importa é a produtividade a qualquer preço e no menor tempo possível, para a satisfação individual. Nestes tempos, a vitalidade não é um componente importante, pois pode ser substituída por remédios, rações, fertilizantes, agrotóxicos, hormônios sintéticos, etc.

Sexualidade

A segunda linha de vivência proposta por Toro (1991) é a Sexualidade. Ele define esta linha como:

“(...) o conjunto de características particulares que diferenciam física e emocionalmente o macho da fêmea, tanto nos animais como nos vegetais.

A sexualidade possui um papel determinante na reprodução das espécies e na continuidade da vida.

No ser humano, a sexualidade está associada ao prazer, possivelmente como um recurso da natureza para assegurar a continuidade da espécie. Sexualidade e vida estão indissolivelmente ligadas. O desejo sexual constitui uma forte motivação para viver.

A sexualidade humana adquire expressões emocionais, afetivas e de refinamento de grande importância. A sexualidade é um modo de ser e de crescer. Toda nossa existência se desenrola sobre a trama sexual. A identidade humana se organiza no fluxo natural da energia erótica. A energia erótica é energia cósmica que gera vida.”

O potencial da sexualidade, como sabemos, é uma característica de todos os vertebrados, sendo que as manifestações específicas para a aproximação e o encontro do par especializaram-se muito entre os mamíferos. No entanto, segundo Margulis e Sagan (1986), o sexo em si, ou seja, “a mera recombinação dos genes provenientes de mais do que uma única fonte”, deve ter se desenvolvido em algum momento do período Arqueano, há três bilhões de anos atrás entre os seres procarióticos – as bactérias. Contam-nos o seguinte estes autores:

“Na Natureza, a bactéria nunca funciona como indivíduo singular. Em vez disso, em qualquer nicho ecológico, convivem vários tipos de bactérias enfrentando e reformando o meio ambiente e entreajudando-se no fornecimento de enzimas complementares. (...) Em números elevadíssimos e oscilantes, executam tarefas que, como indivíduos, seriam incapazes de desempenhar. Com outras estirpes bacterianas que vivem sempre por perto, prontas para contribuir com genes úteis ou produtos metabólicos e para reproduzirem-se sob condições favoráveis, a eficácia global do grupo é mantida em condições ótimas.”

Percebe-se, portanto, que, mesmo entre as bactérias, o sexo apresenta uma função de adaptação e de busca de apoio “no outro” para a sobrevivência. A sexualidade denota a necessidade que os seres vivos têm da parceria de outros seres vivos para a continuidade da vida. Por outro lado, percebe-se que, não fosse a “sexualidade bacteriana”, não haveria possibilidade de este planeta ser um local hospitaleiro à vida e à complexidade.

Criatividade

A criatividade é a terceira linha de vivência proposta por Toro (1991). Ele a define da seguinte forma:

“Criatividade é uma atividade que forma parte integrante da transformação cósmica. Um caminho do caos à ordem. No ser humano, manifesta-se como impulso de inovação frente à realidade. A atividade criativa organiza uma linguagem única a partir da vivência. O ato de criar é sempre o expressivo resultado do ato de viver.”

Propomos aqui, fazendo coro ao que já expressa Rolando em sua definição, que este potencial criativo seja visto como uma tendência que advém da própria vida e que dela faz parte de forma intrínseca desde sempre. Desta forma, a criatividade, como a entendemos através da expressão humana, é apenas um dos diversos reflexos desta tendência inerente à vida no Universo. Vários autores têm também intuído esta hipótese. Por exemplo, vejamos o que nos diz Capra (2002):

“... a criatividade - a geração de formas novas – é uma propriedade fundamental de todos os seres vivos. E, uma vez que o surgimento dessas novas formas é também um aspecto essencial da dinâmica dos sistemas vivos, chegamos à importante conclusão de que os sistemas abertos desenvolvem-se e evoluem. A vida dilata-se constantemente na direção da novidade.”

Para exemplificar como este potencial está presente até nos organismos mais simples conhecidos em nosso planeta, Harman e Sahtouris (1998) citam as observações feitas por Lynn Margulis e Mae Wan Ho, nas quais bactérias sofreram mutações adequadas a determinadas mudanças ambientais em um prazo extremamente curto. Esta “solução criativa de problemas”, segundo estes autores, parece ir além das leis de mutação e seleção propostas por Darwin,

denotando a existência de uma inteligência e de uma intencionalidade nas respostas observadas!

Assim, a autopoiese, ou autocriação, princípio inerente aos sistemas vivos proposto por Maturana e Varela (1995), segundo o qual “os seres vivos se caracterizam por, literalmente, produzirem-se continuamente a si mesmos de forma autônoma”, também prevê um nível contínuo de criatividade intrínseca aos mesmos, a fim de que seja possível haver continuidade em suas existências tanto no nível individual, quanto grupal, sistêmico ou planetário.

Por outro lado, ainda segundo Harman e Sahtouris (1998), as velhas crenças e formas de fazer ciência ainda não conseguem explicar os motivos para a ocorrência de uma incrível diversificação de filos, classes e ordens, especialmente após os momentos de extinção em massa ocorridos ao longo da evolução de nosso planeta. Estas ocorrências, segundo os autores, mais parecem “explosões de criatividade”, desta vez não mais de parte apenas de indivíduos ou espécies, mas sim do próprio macro-organismo planeta Terra. Estas ocorrências denotam também que a criatividade sempre está ligada à necessidade instintiva de mudança e de busca de continuidade da própria vida, como uma característica auto-reguladora dos sistemas vivos.

Mas também no universo, que, segundo os moldes da ciência cartesiana, poderíamos considerar como não-vivo, é possível identificar manifestações de criatividade: novas gerações de estrelas são formadas pela explosão e recriação de redemoinhos de “escombros” de estrelas antigas; nas galáxias vivas, formam-se os planetas a partir de elementos mais pesados, em torno das novas estrelas; e, em alguns casos, formam-se planetas com composições extremamente complexas, permitindo que os mesmos desenvolvam-se ainda além, na busca de complexificação e neguentropia, como é o caso do nosso planeta Terra.

Corroborando esta hipótese, Willis Harman (HARMAN e SAHTOURIS, 1998) apresenta a proposição do ganhador do prêmio Nobel, George Wald, o qual afirmava que:

“(…) os maiores enigmas do quadro evolutivo só podem ser satisfatoriamente solucionados quando se considerar que a mente criativa não é uma característica manifesta que só aparece nos últimos estágios do processo evolutivo: a mente criativa parece ter estado presente o tempo todo, mesmo antes das primeiras formas de vida.”

Como vemos, existe já uma emergente percepção no campo científico de que a criatividade não é um privilégio apenas humano, mas um potencial inerente a todos os sistemas vivos e que caracteriza a evolução do próprio Universo.

Afetividade

A quarta linha de vivência proposta por Rolando Toro (1991) é a da Afetividade. Segundo Toro, esta linha pode ser definida da seguinte forma:

“(…) é um estado de afinidade profunda com os seres, capaz de originar sentimentos de amor, amizade, altruísmo, maternidade, paternidade, companheirismo. No entanto, sentimentos opostos como a ira, os ciúmes, a insegurança e a inveja podem ser considerados componentes do complexo fenômeno da afetividade.

Através da afetividade nos identificamos com outras pessoas e somos capazes de compreendê-las, amá-las e protegê-las, mas também de rechaçá-las e agredi-las.

A afetividade pode ter a dimensão do “amor diferenciado”, dirigido a uma única pessoa, e a do “amor indiferenciado”, dirigido à humanidade.”

Este é um ponto de vista da afetividade que enfoca basicamente as relações humanas, já que a Biodança foi criada, basicamente, para auxiliar os humanos em suas relações inter-pessoais. No entanto, a hipótese que levantamos é de que o potencial de afetividade está presente em todas as formas de vida, da mais simples à mais complexa, da relação do elétron com o núcleo do átomo, à relação dos sistemas estelares com suas galáxias, ou destas com o centro do universo e assim por diante. Talvez a afetividade humana seja um dos muitos reflexos da interconectividade, ou da atração (ou repulsão) existente entre todos os corpos presentes no Universo.

O estudo da microbiologia oportuniza a observação da existência de relações e potenciais deste tipo entre microrganismos. O uso e a troca de plasmídeos - pequenas estruturas de DNA que codificam informações genéticas de funções adaptativas úteis às células bacterianas (e não só a elas, mas também às células dos eucariotos) - pode ser usada como exemplo: a forma como estas pequenas “informações de vida” são “transmitidas” entre as células em um momento de necessidade e de como são “descartadas”, quando já não são mais necessárias, permite inferir que a solidariedade é, de certa forma, intrínseca à vida. Porém, depreende-se também que essa “solidariedade” não tem este caráter romântico que, muitas vezes, é impingido à espécie humana, ou seja, de que deve haver solidariedade entre as pessoas constantemente, como se fosse possível a existência de um amor incondicional e permanente entre todos os seres humanos. A “solidariedade” bacteriana é real, é econômica (no sentido de que só ocorre quando se faz necessária) e é involuntária, ou seja, não depende da “vontade da célula”, mas da organização da vida microbiana planetária como um todo. Cada espécie bacteriana tem uma quantidade de DNA cromossomal que é sua, por ter se conservado praticamente inalterada por vários milhões de anos, e que a define como espécie. No entanto, esta porção de DNA a capacita para muito poucas funções no ambiente e a restringe a ambientes muito específicos. Porém, com a disponibilidade de um “reservatório” enorme de DNA plasmidial presente no ambiente e intercambiável entre indivíduos, espécies e, hoje já se sabe, mesmo entre procariotos (bactérias) e eucariotos (protozoários, fungos, plantas e animais), estas possibilidades aumentam grandemente e permitem adaptações rápidas e efici-

entes. Este modelo de “ajuda” microbiano faz lembrar as intensas mobilizações que ocorrem em grandes tragédias em nossa sociedade, como em momentos de terremotos, inundações ou guerras, quando a solidariedade das pessoas é mobilizada e ajudas rápidas são possíveis. Portanto, há algo de nossos ancestrais bacterianos nestes momentos!

Outro aspecto a ser observado são as várias manifestações de altruísmo presentes entre as espécies, que revelam um desprendimento “afetivo” da vida individual em prol da sobrevivência do grupo. Maturana e Varela (1995) dão alguns exemplos e discutem um pouco esta questão:

“O estudo dos acoplamentos ontogênicos entre os organismos e a avaliação de sua universalidade e variedade apontam para um fenômeno próprio do social. Pode-se dizer que, quando o antílope fica para trás e se arrisca mais do que os outros, é o grupo que se beneficia, e não o animal diretamente. Também se pode dizer que, quando uma formiga operária não se reproduz e em vez disso se dedica a conseguir alimento para todas as crias do formigueiro, é o grupo que se beneficia, e não a formiga diretamente. (...) Tudo acontece como se houvesse um equilíbrio entre a manutenção e a subsistência do grupo como unidade mais ampla, que engloba o indivíduo.”

Lovelock (2006) vai além, chamando-nos a atenção para um altruísmo planetário que nos parece até hilário em sua proposição. Ele afirma que “talvez façamos xixi por razões altruístas.” E explica: “se nós e outros animais não eliminássemos urina, parte da vida vegetal da Terra morreria por falta de nitrogênio.” E ele explica melhor porque isto representa uma ação com características altruístas:

“Para nós, a excreção da uréia representa um grande desperdício de energia e água... Por que não decompor a uréia em dióxido de carbono, água e gás nitrogênio? Bem

mais fácil excretar nitrogênio via respiração, além de poupar a água necessária à excreção da uréia. Oxidar a uréia acrescentaria até um pouco de água, além de fornecer mais energia.”

Com isto, Lovelock nos mostra que a própria evolução da vida no planeta tem um princípio de equidade e um potencial afetivo que o rege, ou seja, que garante a existência do todo em detrimento da otimização da vida de alguns grupos, espécies ou indivíduos. É o potencial afetivo de Gaia em ação.

Assim, apesar de não depender de nenhuma “vontade” individual, este modelo de “ajuda” para a conservação da vida está presente no arcabouço das menores e mais antigas estruturas vivas, o que nos dá a indicação de que o chamado “amor fraterno” já se encontra previsto na própria organização da vida e “impresso” no código genético de cada ser vivo presente no planeta. Ou seja, ao que parece, o amor solidário que existe na espécie humana não é outra coisa senão uma expressão ultra-especializada de algo que já está previsto na forma como a vida se organiza, como se fosse uma lei básica de conservação da vida.

Transcendência

A transcendência é a quinta e última das linhas de vivência propostas por Rolando Toro (1991) dentro do modelo teórico por ele criado para explicar o funcionamento do ser humano e os modos de ação da Biodança sobre o mesmo. Dentro deste contexto, Rolando propõe que transcendência seja:

“(…) a função natural do ser humano de vinculação essencial com tudo o que existe: seres humanos, animais, vegetais, minerais; em síntese, com a totalidade cósmica. (...) Transcender é “superar um limite”. (...) Superar a for-

ça do ego e ir “além” da autopercepção, para identificar-se com a unidade da natureza e com a essência das pessoas.”

Rolando vai além, dizendo que “quem não consegue abandonar a consciência de si mesmo, não tem a possibilidade de ingressar à experiência transcendente.”

No entanto, imaginar esta característica de transcendência como sendo um dom exclusivamente humano também nos parece um tanto arrogante e, pior, talvez até errôneo, tendo em vista que, sob uma ótica planetária, nossa capacidade de transcendência tem sido significativamente diminuída com as opções culturais que temos feito como humanidade em tempos recentes.

O potencial de “transcendência” é aqui proposto como uma conexão instintiva presente em todos os seres vivos com a continuidade da vida como um todo em nosso planeta. Algo como a conexão com uma consciência planetária ou universal, que dirige os rumos da vida. Esta conexão não parece dar-se pela via da cognição ou da lógica científica predominante, mas pelo nível intuitivo, instintivo e vivencial.

Sheldrake (1981) postula que o universo físico é criado, em última análise, por uma consciência transcendente. Essa consciência transcendente não estaria se desenvolvendo para uma meta; ela é a sua própria meta. E, uma vez que essa consciência transcendente é a fonte do universo e de tudo dentro dele, todas as coisas criadas em algum sentido participam da sua natureza. Por esta lógica, haveria uma consciência crescente em organização: de organelas a células, a tecidos, a órgãos, a organismos, a sociedades (humanas e não-humanas) até a raça humana e toda a biota.

Toro (2002) propõe um nível de consciência, compartilhado por todos os seres vivos, chamado por ele de “Inconsciente Vital”, manifesto pela auto-regulação da vida em cada ser, seja pelo funcionamento do sistema imunológico “reconhecendo” a presença de invasões indesejáveis à saúde do sistema vivo, seja pela atividade neu-

ro-endócrina, estabelecendo níveis de hormônios e neurotransmissores sempre de acordo com a manutenção mais adaptada da vida do organismo, mostrando que os organismos apresentam um elevado nível de auto-reconhecimento e auto-adaptação às condições dadas pelo ambiente ou por seu próprio psiquismo.

Desta forma, enquanto estamos vivos, mesmo sem que nos demos conta, nossos corpos estão em constante transcendência, pois estão constantemente se reconhecendo e se auto-organizando, de forma holística e complexa, sempre em busca de uma forma de manter a vida contínua e otimizada presente em nós.

Harman e Sahtouris (1998) apresentam diversos exemplos de “formas de reconhecimento” na natureza que vão além do compreensível pela ciência dominante, e que demonstram a existência de um nível de transcendência inerente aos seres vivos. Um exemplo é relatado pelos autores em relação à migração da borboleta Monarca:

“Esses lindos espécimes viajam para o sul em grandes enxames e invernam em lugares específicos da Califórnia e do México; na primavera e no verão, eles migram em direção ao norte novamente, viajando a lugares a quase 4 mil quilômetros de distância. No entanto, viajam só parte da distância, põem os ovos e morrem. A geração seguinte surge da crisálida e continua a viagem em direção ao norte: e assim por diante. Quatro gerações depois de uma borboleta ter deixado uma árvore de eucalipto perto de Santa Cruz, Califórnia, os seus descendentes retornam à *mesma árvore!*”

Nas diversas relações entre os seres vivos entre si e deles com o chamado “mundo físico” podem ser percebidos indícios de uma interação transcendente e inteligente, ainda que não verbal, que parece ser um verdadeiro condicionante para a continuidade da vida. Tudo isto nos leva à hipótese de que o próprio super-organismo Terra apresenta este mesmo potencial de transcendência. É isto o que

nos mostra Sahtouris (1996), em seu livro *A dança da Terra*, de forma magistral:

“Só agora estamos em condições de entender a Terra inteira como um corpo vivo – uma dança única composta de muitos dançarinos com seus padrões complexos de interação em constante mutação. A competição e a cooperação podem ser vistas tanto dentro como entre as espécies, enquanto elas, em conjunto, improvisam e evoluem, desequilibram e reequilibram a dança. A evolução é essa dança improvisada em que o equilíbrio ecológico (a coerência mútua) é buscado de maneira incessante.”

Considerações Finais

Considerando a existência destes potenciais de vida em todo o mundo natural, e não apenas entre os seres humanos, urge que reconheçamos a necessidade de passarmos a adotar o paradigma Biocêntrico como forma de compreensão e interação da humanidade com todo o seu entorno, e a também organizarmos sistemas de educação baseados no princípio biocêntrico que facilitem também a integração de nossas relações com a natureza de acordo com seus potenciais de vida.

Referências Bibliográficas

CAPRA, F. **As conexões ocultas**: ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002.

DE DUVE, C. **Poeira vital**: a vida como imperativo cósmico. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FLORES, T.M.V. Apontamentos sobre Inconsciente vital segundo Rolando Toro. **Cadernos de Biodança**, Porto Alegre, n. 6, p. 3-7, 1998.

HARMAN, W.W.; SAHTOURIS, E. **Biologia revisada**. São Paulo: Cultrix, 1998.

LOVELOCK, J. **A vingança de Gaia**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

MARGULIS, L.; SAGAN, D. **Micro-cosmos**: quatro bilhões de anos de evolução microbiana. Lisboa: Edições 70. 1986.

MATURANA, H.R.; VARELA, F.G. **A árvore do conhecimento**. Campinas: Editora Psy, 1995.

SAHTOURIS, E. **A dança da terra**: sistemas vivos em evolução: uma nova visão de biologia. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 1998.

SHELDRAKE, R. **A new science of life**: the hypothesis of formative causation. Los Angeles: J.P. Tarcher, 1981.

TORO, R.A. **Coletânea de textos da Escola de Biodança do Ceará**. Fortaleza: ALAB, 1991.

TORO, R.A. Princípio Biocêntrico e Holismo. **Cadernos de Biodança**, Porto Alegre, ano 2, n. 2, p. 5-6, 1995.

TORO, R.A. Inconsciente Vital e Princípio Biocêntrico. **Apostilas de Biodança nº 02**. CD-ROM --- Porto Alegre: International Biocentric Foundation, 2002.